

O pensamento estruturalista e as teorias de comunicação

El pensamiento estructuralista y las teorías de comunicación

Structuralist thought and communication theories

João Anzanello Carrascoza¹

Juliana de Assis Furtado²

Resumo

O presente artigo visa apresentar as ideias e os autores fundamentais do estruturalismo francês, a partir de seu surgimento com a linguística de Saussure, bem como seu percurso histórico, seus desdobramentos em outras áreas do conhecimento e, em especial, suas contribuições para o campo da Comunicação.

Palavras-chave: Comunicação. Estruturalismo. Teoria.

Resumen

El presente artículo tiene por finalidad presentar las ideas y los autores fundamentales del estructuralismo francés, a partir de su surgimiento con la lingüística de Saussure, como también su trayectoria histórica, sus desdoblamientos en otras áreas del conocimiento y, especialmente, sus contribuciones para el campo de la comunicación.

Palabras-clave: Comunicación. Estructuralismo. Teoría.

1 Doutor e mestre em Ciência da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), onde é professor titular, e docente do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). E-mail: jcarrascoza@espm.br.

2 Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). E-mail: juliana_furtado@hotmail.com.

Abstract

The purpose of this article is to focus on the ideas and the fundamental authors of French structuralism, considering its moment of emergence with Saussure's linguistics. We analyse the historical trajectory of structuralist thought, as well as its further development into other domains of knowledge, particularly considering its key contributions to the field of communication.

Keywords: *Communication. Structuralism. Theory.*

O aparato conceitual do que conhecemos como estruturalismo, ou corrente do pensamento estruturalista, ainda que envolvendo seus múltiplos fundamentos, não é suficiente para considerá-lo, em rigor, como um dos modelos teóricos puramente voltados à Comunicação Social surgidos com a modernidade que impulsionou a expansão dos *mass media*.

Não existe uma teoria de comunicação estruturalista, como a teoria funcionalista-pragmática, a teoria crítica dos filósofos frankfurtianos, ou a teoria culturalógica que reuniu sociólogos (Edgar Morin) e estudiosos da cultura de massa (Umberto Eco), entre outras, de caráter analítico ou conceitual, do início do século XX ou de seu término – período em que as demandas do mundo pós-moderno trouxeram novos paradigmas para a teoria e a prática da Comunicação.

O campo comunicacional, pelo seu caráter multidisciplinar, tem sido objeto de aportes teóricos, análises empíricas e abordagens críticas advindas de outros domínios científicos, tradicionalmente bem definidos, como a filosofia, a sociologia, a linguística, a história, a psicologia, a antropologia etc., e é nessa perspectiva que os pressupostos estruturalistas podem ser invocados e compreendidos no âmbito dos estudos da Comunicação.

Em sua *Ética a Nicômaco*, Aristóteles (2003) nos lembra que a palavra *theoria* significa a “ação de contemplar”, admirar com o pensamento, e, dessa forma, foi contemplando com atenção, admirando por meio da reflexão o território da Comunicação, que os intelectuais, vinculados em menor ou maior escala ao estruturalismo, trouxeram contribuições relevantes para esse campo.

Cumpramos aqui, inicialmente, historiar e contextualizar brevemente o estruturalismo e conhecer seus pressupostos teóricos, bem como seus mais preeminentes representantes, para, em seguida, ressaltar as suas contribuições aos estudos de Comunicação.

O pensamento estruturalista e seu percurso histórico

Corrente de pensamento das mais abrangentes que já emergiu das ciências humanas, o estruturalismo tem suas origens no *Cours de linguisti-*

que générale ministrado pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure, e publicado, em 1916, por seus alunos, após a sua morte.

François Dosse, na obra *História do estruturalismo*, define três ideias centrais presentes na obra de Saussure:

a primeira é a de que o objetivo das ciências humanas é estudar os sistemas formais. [...] Assim, o que se colocava em primeiro plano era o estudo das formas e das relações, excluindo o das substâncias e das qualidades. A segunda ideia é a de que a língua é um sistema preexistente ao uso que dela fazemos. A fala representaria unicamente relações particulares e históricas. Assim, os estruturalistas privilegiavam a dimensão sincrônica dos fenômenos e não diacrônica. A terceira ideia é a de que a língua é um fenômeno social que se constitui independentemente do sujeito que dela faz uso. Eliminava-se, assim, a percepção consciente do sujeito (DOSSE, 2007, p. 12, v. 1).

Nesse trecho, Dosse cita duas das quatro dicotomias que se destacam na teoria do linguista.

A primeira delas consiste na separação entre língua e fala. Para Saussure, a língua é uma “instituição social”, enquanto a palavra (a fala) é um ato individual. A função da linguística é estudar as regras da língua, sistema organizado de signos que exprimem ideias (Saussure não usava o termo estrutura).

A segunda dicotomia é composta pela sincronia e pela diacronia. Saussure segue uma visão sincrônica, estudando a constituição da língua estaticamente, num dado momento, em oposição a uma visão diacrônica, que constitui o estudo da língua considerando a evolução histórica.

Propõe também o estudo do signo (a semiologia, termo criado por ele), composto pelo significante e pelo significado – constituindo a terceira dicotomia. O significante é uma expressão material, como o som ou a escrita da palavra *árvore*, enquanto o significado é o conceito ou ideia que o significante representa, ou seja, aquilo que imaginamos ao ler ou ouvir a palavra *árvore*.

A quarta dicotomia é formada pela relação entre os signos, que pode ser de ordem sintagmática e paradigmática. A primeira exclui a possibilidade de se pronunciar dois termos ao mesmo tempo, pois se apoia na

extensão, como em *A árvore está florida*. Já numa relação paradigmática, os termos com algo em comum se associam na memória. A palavra *árvore*, por exemplo, faz surgir na mente outras palavras, como *terra*, *frutos*, *ar* etc.

Conforme aponta Salatiel (2008), o estruturalismo seria

mais um método de análise, que consiste em construir modelos explicativos de realidade, chamados estruturas. Por estrutura entende-se um sistema abstrato em que seus elementos são interdependentes e que permite, observando-se os fatos e relacionando diferenças, descrevê-los em sua ordenação e dinamismo.

Dosse (2007, p. 12, v. 1) amplia essa concepção, posicionando o estruturalismo como “um movimento de pensamento, uma nova forma de relação com o mundo”.

A corrente teórica estruturalista ganhou força nas décadas seguintes, sobretudo no período de 1950 e 1960, em oposição ao existencialismo de Jean-Paul Sartre, teoria dominante durante as décadas de 1940 e 1950, tendo como um de seus principais fundamentos exatamente a recusa à razão, hegemônica naquele momento, alijando o sujeito do lugar privilegiado que ele ocupava.

Com base na teoria de Saussure, Roland Barthes definiu que “a semiologia tem por objeto todo o sistema de signos, qualquer que seja sua substância, quaisquer que sejam seus limites: as imagens, os gestos, os sons melódicos, os objetos...” (MATTELART, 2006, p. 88).

Essa nova linha de reflexão ganhou a adesão de intelectuais das mais diversas disciplinas das ciências humanas – linguística, antropologia, psicologia, filosofia, entre outras –, tornando-se uma forma de pensar e analisar os mais variados aspectos da sociedade, em busca de estruturas profundas que produzem significado dentro de uma cultura. Portanto, foi um “movimento” intelectual que, como poucos, tornou-se plural,³ promovendo a interdisciplinaridade dentro do campo das humanidades.

³ O estruturalismo também circulou por outras áreas, mais distantes do tema deste artigo, como a Matemática, a Física e a Biologia, como descreve Piaget (1979).

Artigo

Dosse (2007, p. 25, v. 1) descreve os principais autores, distinguindo entre os que seguiram um estruturalismo mais científico – Claude Lévi-Strauss (antropologia), Algirdas-Julien Greimas (semiótica) e Jacques Lacan (psicanálise) –, um estruturalismo semiológico, mais flexível – Roland Barthes, Gérard Genette, Tzvetan Todorov e Michel Serres – e um estruturalismo historicizado – Louis Althusser, Michel Foucault, Jacques Derrida e Jean-Pierre Vernant.

A primeira fase do estruturalismo emerge no início dos anos 1950 e foi marcada pela publicação de *Structures élémentaires de la parenté* (1949), de Lévi-Strauss. Nasce assim a antropologia estrutural, resultado do encontro do etnólogo francês com o linguista russo Roman Jakobson anos antes. Na obra, considerada por Dosse “a pedra angular nas fundações do programa estruturalista”, o autor mostra como determinados comportamentos se repetem em diferentes sociedades, destacando a natureza inconsciente de fenômenos culturais. A partir daí, passou-se a entender a totalidade dos fenômenos sociais como linguagens, de fundo inconsciente, que propiciam a comunicação de mulheres, bens e mensagens (CARVALHO, 1994).

Em 1957, na obra *Mitologias*, Barthes destacaria a importância do “desenvolvimento da publicidade, da grande imprensa, do rádio, da ilustração, sem falar da sobrevivência de uma infinidade de ritos comunicativos [...] que tornam mais urgente do que nunca a constituição de uma ciência semiológica” (MATTELART, 2006, p. 89).

No decorrer das décadas de 1960 e 1970, surgiram aplicações das teorias estruturalistas em áreas como crítica literária, cinema, estudos culturais e publicidade, entre outras (SALATIEL, 2008), marcando sua presença na análise dos processos de Comunicação.

Jacques Lacan concebe o inconsciente como uma estrutura semelhante à da linguagem, Michel Foucault investiga as estruturas discursivas que condicionam o pensamento humano ao longo dos períodos históricos, e o filósofo Louis Althusser promove, com seus discípulos, uma interpretação estruturalista da obra de Marx, apontando os conceitos fundadores de sua ciência de “formações sociais”: estrutura, superestrutura, relações de produção, sobredeterminação. No sistema

capitalista, o indivíduo não é sujeito da história mas sim lugar de passagem, suporte de “estruturas”. Ele contribui para reproduzir relações sociais em uma sociedade historicamente determinada (MATTELART, 2006, p. 95).

Althusser é quem descreve também, com seu célebre artigo *Idéologie et appareils idéologiques d'État*, a escola, a Igreja, a mídia, a família e outras instituições como aparelhos ideológicos de Estado, por meio dos quais o capitalismo garante a sua dominação ideológica.

Segundo Dosse, a *belle époque* do paradigma aconteceu entre 1963 e 1966 (ano do seu auge), quando o estruturalismo ultrapassou as fronteiras francesas e invadiu o Ocidente, inclusive o Brasil (CARVALHO, 1994).

Com o objetivo de construir um sério círculo de pesquisa em Comunicação, foi criado na França, em 1960, o Centro de Estudos das Comunicações de Massa (CECMAS), por iniciativa do sociólogo Georges Friedmann. Edgar Morin e Barthes fazem parte dessa escola, sendo Barthes o único a seguir o estruturalismo.

Ao CECMAS também estão atrelados outros estudiosos, como Julia Kristeva, Christian Metz, Abraham Moles, Violette Morin, André Glucksmann, Pierre Fresnault-Deruelle, Jules Gritti, Eliseo Veron, Algirdas-Julien Greimas, além de pesquisadores ligados à publicidade, como Jacques Durand e Georges Péninou.

Ao mesmo tempo, em Milão, era criado o Instituto A.-Gemelli, que reuniu nomes como Umberto Eco, Paolo Fabbri e Gianfranco Bettetini em estudos sistemáticos sobre os fenômenos da Comunicação e da cultura de massa (MATTELART, 2006, p. 91-92).

Em 1967, inicia-se um segundo momento, da reversão da tendência, com a reinvenção do estruturalismo, refluxo, críticas, reformulações e distanciamento do estruturalismo inicial (DOSSE, p. v, v. 1). Entre 1967 e 1968, intensificaram-se os debates entre estruturalismo e marxismo com o histórico número 135 do *La Pensée*, de outubro de 1967. Charles Parain, Lucien Sève, Roger Garaudy, Jean Deschamps e Henri Weber são alguns dos integrantes desse histórico debate que pretendia solapar o estruturalismo de suas bases constitutivas.

O terceiro momento dessa corrente de saber é o da desconstrução. O estruturalismo sofreu críticas por buscar reduções mecanicistas do funcionamento da sociedade, foi condenado por ter seu foco na análise das invariantes e ter uma tendência a apagar a ação dos sujeitos (MATTELART, 2006, p. 101). Conforme aponta Carvalho (1994),

A escritura e a diferença, de 1971, e *Gramatologia*, de 1973, de Jacques Derrida, serão os primeiros cantos desse cisne errante que abalarão a hegemonia da estrutura, ainda mais vindo de alguém identificado com o paradigma, pelo menos em algumas de suas formulações básicas. Desconstrução foi a palavra de ordem de Derrida que atingiu principalmente Lévi-Strauss, Foucault, Lacan e toda a dicotomia significante/significado que animava a tese do “arbitrário do signo”, oriunda da linguística estrutural.

Na década de 1980, os principais intelectuais estruturalistas já haviam desaparecido do centro das discussões científicas. As ideias que despontam nesse momento, porém, dão certa continuidade à teoria que sai de cena, inaugurando uma nova configuração. O pós-estruturalismo reabilita o ponto de vista do sujeito, revelando autores de destaque como Jean-François Lyotard, Michel Serres, Jacques Derrida, Jean-Pierre Dupuy e Bruno Latour.

Conforme Mattelart (2006, p. 102), “a crise que atinge, no final dos anos 70, a teoria estrutural das relações sociais, como o conjunto dos grandes sistemas explicativos, gira precisamente em torno da questão das mediações e do lugar do sujeito, do ator e da audiência”.

Piaget (1979, p. 72) explica desta forma o “lugar do sujeito”:

Sustentar, então, que o sujeito desapareceu para dar lugar ao impessoal e ao geral seria esquecer que, no plano dos conhecimentos [...], a atividade de sujeito supõe uma contínua descentralização que o liberta de seu egocentrismo intelectual espontâneo em proveito, não precisamente de um universal já pronto e exterior a ele, mas de um processo ininterrupto de coordenações e de reciprocidades: ora, é esse próprio processo que é gerador das estruturas em sua construção ou reconstrução permanentes. [...] o sujeito existe porque, em geral, o ser das estruturas é sua estruturação.

Apesar das críticas, sobretudo dos intelectuais marxistas que o acusavam pela sua não historicidade, dos impasses enfrentados e das discordâncias entre estudiosos da própria corrente, as ideias estruturalistas, com seu acervo de experiências e a sua nova leitura do mundo, deixaram um legado fecundo para o pensamento humano.

Conforme nos lembra Dosse (2007, p. 27, v. 1), a revolução copernicano-galileana, os cortes freudiano e marxista e os avanços realizados pelas ciências sociais não podem ser simplesmente ignorados quando outras teorias e estudos são desenvolvidos para questionar suas posturas e conceitos.

Contribuições estruturalistas para a Comunicação Social

Rica e variada é a contribuição das teses estruturalistas nas investigações que abrangem as mais diversas formas de Comunicação Social.

As pesquisas e análises de textos culturais veiculados nos *mass media*, apoiadas na linguística saussureana, com a conceituação do sistema sócio-cultural na vida social, é uma das mais expressivas, abrangendo análises de filmes, telenovelas, matérias jornalísticas, discursos políticos, comerciais de televisão, livros didáticos.

Seminais também são os trabalhos no campo da Comunicação que partem da concepção linguística de Roman Jakobson, proposta originalmente com o objetivo de fundamentar uma possível ciência da literatura, em especial as suas funções da linguagem (expressiva, referencial, fática, metalinguística, conativa e poética), às quais correspondem, respectivamente, a ênfase de um dos elementos de seu modelo de comunicação (emissor, receptor, mensagem, código, canal e contexto).

O mesmo podemos dizer dos pares conceituais, que advêm da linguística geral e que constituem o núcleo da poética estruturalista (forma/conteúdo, conotação/denotação, sintaxe/semântica etc.), aplicados na análise de peças publicitárias em geral, letras de cancionários populares, reportagens, programas de rádio e TV, seriados e outras manifestações culturais e artísticas do universo comunicacional da sociedade pós-moderna.

Parte valorosa dessa contribuição para o campo da Comunicação se dá a partir dos estudos sobre os mitos (em consonância com a antropologia estrutural de Lévi-Strauss), com ramificações nas obras de Barthes voltadas às narrativas da publicidade, à moda e à retórica das imagens, e nos estudos sobre a linguagem e a significação do cinema de Christian Metz.

Abraham Moles e discípulos de Barthes, como Jacques Durand e Georges Péninou, além de Judith Williamson, escreveram obras de referência sobre a decodificação da mensagem publicitária, tanto na esfera verbal quanto na instância das imagens.

Igualmente fundamentais são os trabalhos de Julia Kristeva para a história e difusão do estruturalismo com base em textos literários (seguida depois por Todorov), com seu conceito de intertextualidade, amplamente utilizado ainda hoje nos mais diversos métodos de análises de discursos sociais.

Uma profusão de pesquisas, envolvendo a pluralidade de discursos midiáticos, se vale de conceitos semiológicos e de teorias semióticas (em especial, a greimasiana) com origem na linguística estrutural. Assim como os conceitos foucaultianos de *epistemes* (configurações discursivas dos sistemas de pensamento na formação da cultura ocidental) e de disciplina (bloco, mecanismo), que apareceram aplicados à Comunicação.

É importante mencionar também os estudos que envolvem os processos comunicacionais no âmbito da cultura de massa levados a cabo por autores pós-estruturalistas (que buscaram superar o quadro de saberes do estruturalismo, com novas abordagens como a arqueologia, a geneologia etc.) ou por estruturalistas à sua própria maneira, como é considerado Pierre Bourdieu com sua teoria dos campos e as noções de *habitus*, capital simbólico e violência simbólica, entre outras.

A maneira de os pensadores vinculados ao estruturalismo “contemplarem” os variados objetos de cada uma das ciências humanas, gerou, num movimento de reação que se valeu até mesmo da obra de autores estruturalistas, os valiosos estudos sobre identidades culturais de Stuart Hall, marcos referenciais dos *Cultural Studies*, e a Análise de Discurso francesa, iniciada por Michel Pêcheux, que trouxeram novos aportes tanto para questões clássicas quanto prementes da Comunicação.

Referências

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- CARVALHO, E. A. Resenha da obra História do Estruturalismo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, n. 29, 1994. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_29/rbcs29_resenhas.htm>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- DOSSE, F. *História do estruturalismo: o campo do signo – 1945/1966*. Bauru: Edusc, 2007. v. 1.
- . *História do estruturalismo: o canto do cisne – de 1967 a nossos dias*. Bauru: Edusc, 2007. v. 2.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 20. ed., São Paulo: Cultrix, 1995.
- MATTELART, A.; MATTELART, M. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2006.
- PIAGET, J. *O estruturalismo*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- POLISTCHUK, I.; TRINTA, A. R. *Teorias da comunicação: o pensamento e a prática da Comunicação Social*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- SALATIEL, J. R. Estruturalismo: quais as origens desse método de análise? *UOL Educação*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/filosofia/estruturalismo.jhtm>>. Acesso em: 8 dez. 2008.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- WOLF, M. *Teoria das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.